

“O porquinho da Oficina”: relato de atividades de improvisação e composição com imagem e som

Julio Victor Neves de Sousa
UDESC
juliovictors@hotmail.com

Juliana Sens
UDESC
julianasens.musica@gmail.com

Cecília M. Pinheiro Machado
UDESC
marconpinheiromachado@gmail.com

Viviane Beineke
UDESC
vivibk@gmail.com

Resumo: Este trabalho relata as atividades desenvolvidas em uma turma de Oficina de Música, com foco no trabalho com atividades de improvisação envolvendo recursos tecnológicos. A Oficina de Música é oferecida como projeto de extensão do programa MusE, da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Relata ainda experiência com uma turma formada por crianças de nove a onze anos, envolvendo práticas de improvisação, composição e *performance*, mediadas por processos de produção de áudio como gravação e edição, sonoplastia e trilha sonora com uso de imagens. As aulas culminaram na elaboração de uma peça audiovisual pelas crianças chamada “O Porquinho da Oficina”, que consistiu na composição de uma trilha sonora e sonoplastia para um vídeo de animação. Ao término do primeiro semestre pôde-se concluir que projetos audiovisuais e tecnologias de produção musical ensejam experiências musicais consistentes e motivadoras com as crianças, além de possibilitar o exercício de diferentes modalidades de práticas musicais criativas e significativas.

Palavras-chave: tecnologia; improvisação musical; oficina de música.

Introdução

Os avanços tecnológicos nas últimas décadas baratearam o custo de aparelhos de alta performance, como computadores e celulares *smartphones*, facilitando sua distribuição e popularizando recursos e técnicas de produção audiovisual com o uso de editores de vídeo e áudio, aplicativos musicais e instrumentos virtuais cada vez mais avançados e acessíveis, que vêm alterando a relação das pessoas com a música (LORENZI, 2008).

Os recursos tecnológicos atuais inspiram o fazer musical criativo das crianças em casa e na escola (HUNTMANN, 2013, p. 85). Portanto, a tecnologia pode oferecer oportunidades para o desenvolvimento de propostas pedagógicas e projetos em diversos contextos de educação musical, além de ampliar a compreensão dos processos de composição e *performance* musical.

Este texto relata algumas atividades desenvolvidas durante o primeiro semestre de 2014 em uma turma das Oficinas de Música do MusE, cujo foco foram atividades de improvisação e composição com recursos tecnológicos. Várias atividades foram desenvolvidas e, para encerrar o semestre, a turma compôs uma peça audiovisual intitulada “O Porquinho da Oficina”.

As aulas da oficina abordaram apreciação, composição, improvisação e *performance* musical sob o viés das novas mídias, proporcionando contato direto com a música (SWANWICK, 2003). As atividades foram elaboradas para introduzir as funções da tecnologia para a produção musical, oportunizar experiências musicais através do uso de computadores, microfones, vídeos e outros recursos tecnológicos, e, por fim, registrar em meio audiovisual as peças produzidas para apreciação e análise crítica das próprias crianças. Convidadas a conhecer e experimentar música de maneira abrangente, de acordo com o contexto de produção de música e áudio da atualidade, as crianças vivenciaram esse aprendizado dentro e fora da sala de aula.

Apresentação e Contextualização

As Oficinas de Música do MUSE atendem, este ano, crianças de seis a onze anos e fazem parte do Programa de Extensão MUSE – Música e Educação, da Universidade do Estado de Santa Catarina¹. As oficinas são oferecidas para crianças da comunidade, buscando proporcionar-lhes aprendizagens musicais significativas por meio de atividades com canto e instrumentos musicais; proporciona espaço para compor as próprias músicas, para gravar e analisar a sua produção e a de outros músicos, podendo ampliar suas ideias de música. O

¹ O Programa de extensão é coordenado pela professora Regina Finck Schambeck; o Projeto Oficinas de Música é coordenado pela professora Viviane Beineke, e as professoras Gabriela Flor Visnadi e Silva e Cecília Marcon Pinheiro Machado orientam os estagiários.

projeto objetiva formar sujeitos críticos e reflexivos em relação ao universo musical onde estão inseridos e também formar educadores musicais, favorecendo a relação entre ensino, pesquisa e extensão. Dessa maneira, conhecimentos são produzidos a partir da prática pedagógica e, ao mesmo tempo, retornam à comunidade através das Oficinas (BEINEKE, 2013).

O projeto é oferecido anualmente, com aulas semanais, de uma hora e quinze minutos de duração. As aulas são realizadas numa sala do Departamento de Música equipada com diversos instrumentos musicais, como: pianos, flautas, xilofones, variados instrumentos de percussão e objetos sonoros. No corrente ano foram formadas três turmas com quinze crianças cada. As aulas são ministradas por alunos (as) da Licenciatura em Música, um bolsista e um estagiário, sob a orientação de professoras da disciplina de estágio curricular e da coordenadora do projeto. São realizadas reuniões semanais com toda a equipe nas quais são discutidos os princípios pedagógicos que orientam as Oficinas, os planejamentos e os relatos, além de reflexões conjuntas sobre as aulas.

A demanda por atividades relacionadas às tecnologias de produção musical ocorreu a partir da gravação dos álbuns da oficina que registram o trabalho das turmas durante o ano. No processo de gravar, as crianças entram em contato com os equipamentos de estúdio e veem como se faz a produção musical; além disso, as composições são arranjadas e registradas com a participação de músicos convidados. Porém, essa interação das crianças com o processo de produção esteve até então limitada pela exiguidade do tempo de duração e pela acelerada dinâmica das sessões de estúdio. No fim de 2013, a coordenadora das oficinas sugeriu que atividades relacionadas a registro e manipulação de sons e música, dentre outros aspectos tecnológicos, poderiam tornar-se o cerne do trabalho em pelo menos uma das turmas, uma vez que a gravação do álbum se consolidou como significativa experiência para todos os envolvidos.

A turma com a qual este trabalho foi desenvolvido contou com quatorze inscritos no início do ano e se estabilizou, depois de algumas evasões, com oito crianças de nove a onze anos², das quais a maior parte com alguma experiência musical, já tendo participado de aulas de musicalização, canto coral, flauta doce ou teclado.

² Cinco crianças estudam em escolas privadas, três em escolas públicas. Apenas uma criança já havia sido aluna da Oficina em ano anterior.

Fundamentação Teórica

A proposta foi trabalhar improvisação e composição utilizando recursos tecnológicos de produção musical. Para Burnard e Boyack (2013), tarefas de improvisação podem ser usadas para desenvolver formas de engajamento através da interação com regras. Essas autoras entendem que, desenvolvidas em grupo, tais atividades são motivadoras e contribuem com a aprendizagem, incentivando a criação e a imaginação e proporcionando diversas possibilidades de engajamento na atividade e papéis das crianças no grupo.

[...] as crianças aprendem a observar e interagir ouvindo e vendo, repetindo o que observam, o que as leva a imaginar um cenário desconhecido em tempo real e enriquecer as ideias e possibilidades as quais são proporcionadas pelas relações de aprendizagem, pelo desempenho de diferentes papéis no grupo. (BURNARD, BOYACK; 2013. p. 27).

Elas argumentam que as atividades de improvisação desenvolvem a escuta articulada à *performance*, nas quais as crianças desenvolvem a compreensão sobre como as ideias musicais podem ser repetidas, transformadas e desenvolvidas. E essas habilidades são fundamentais para aprendizagem musical criativa, possibilitando também que os professores conheçam o trabalho musical dos seus alunos: escutando cuidadosamente as improvisações em progresso, podem observar as contribuições individuais e a resposta do grupo.

As autoras destacam a importância de conhecer a perspectiva das crianças sobre suas produções, o que possibilita aos professores acessar o entendimento delas, aumentando sua contribuição com a aprendizagem. Ao receberem espaço, tempo, confiança e liberdade, as crianças se envolvem de forma alegre e imaginativa em processos de improvisação musical. “Se elas estão ouvindo, observando ou executando, individualmente ou participando de um grupo de improvisação, todas têm oportunidade de responder ao cenário musical enquanto ele se desenrola” (BURNARD; BOYACK, 2013, p. 36). Essas atividades engajam professores e alunos em diferentes processos de trabalho e possibilitam explorar diferentes tipos de construção musical. As atividades de improvisação permitem que as crianças criem com base em suas experiências, conhecimentos e capacidade de compreensão, engajando-as criativamente no aqui-e-agora imediato da prática musical (BURNARD, BOYACK; 2013. p. 27).

Sobre a utilização de recursos tecnológicos, Ruthmann (2013) afirma que computadores podem ser considerados instrumentos musicais por si sós, pois inspiram novas

práticas e a difusão de dispositivos móveis entre as crianças, criando acesso a poderosos aplicativos musicais, novos modelos de prática musical criativa e caminhos de engajamento nas atividades musicais.

Ruthmann (2013) caracteriza esses caminhos como uma “musicalidade através de novas mídias”. Esse fenômeno é composto por ampla coleção de práticas musicais criativas, na qual vídeos, imagens e sons são utilizados interativamente como meio para a expressão musical. O autor explica que a proposta de utilizar novas mídias na educação musical parte do entendimento de que as crianças podem se envolver como novos produtores, *designers* e criadores musicais, ampliando-se os tradicionais papéis de executantes e ouvintes.

Na mesma direção, Galizia (2009) enfatiza que os *softwares* de gravação e edição possibilitam recriar execuções de uma banda inteira com a mesma qualidade de um estúdio profissional.

A composição musical vem sendo progressivamente valorizada no ensino de música, destacando-se a importância de analisar e compreender as aprendizagens envolvidas nesse processo (BEINEKE, 2008). Segundo França (2002), uma composição acontece quando se organizam ideias musicais, sendo essencial para a experiência devido à sua própria natureza: é o processo pelo qual toda e qualquer obra musical é gerada. Esse argumento é suficiente para legitimá-la como atividade válida e relevante na educação musical, qualquer que seja o nível de complexidade, estilo ou contexto. Novas maneiras de produção vêm sendo desenvolvidas pela difusão de aparatos e conhecimentos tecnológicos entre jovens e crianças, abrindo portas para diversas experiências musicais.

Relato das Atividades

Durante o semestre buscamos introduzir nas atividades com a turma elementos de produção musical relativos às novas mídias. Além da tecnologia, essas atividades envolveram práticas relacionadas à música do século XX, como elaboração e uso de partituras gráficas e música concreta, além de sonoplastia e trilha sonora para criar peças e improvisos. Foram realizadas gravações em sala de aula, sonorizações de imagens e também de vídeo, com o auxílio de recursos como um computador, um aparelho de som, um projetor *data show* e diversos instrumentos musicais e objetos sonoros.

As atividades foram introduzidas com a proposta de realizar um improviso, no qual uma sequência de imagens em *slides* era projetada na sala, e as crianças as sonorizavam nos instrumentos e objetos sonoros disponíveis na sala. As imagens, uma para cada criança, eram apresentadas em sequência, e as crianças sonorizavam o que a imagem lhes sugeria. A proposta foi experimentar o resultado do conjunto dessas improvisações individuais como uma composição coletiva. Esse tipo de abordagem de tarefas de improvisação é defendido por Burnard e Boyack (2013) por desenvolver formas de engajamento da interação com regras, que podem ser motivadoras por proporcionar aprendizado oriundo da observação e da interação.

As mesmas imagens foram utilizadas em posterior atividade de composição, na qual, impressas em cartelas, as figuras foram organizadas como partitura gráfica pelas crianças divididas em grupos e executadas com a instrumentação de sua preferência. Essas atividades foram gravadas e vistas posteriormente com as crianças. Para realizar as gravações, colocamos um microfone na direção dos executantes³, como em estúdio, e buscamos reforçar a postura de silêncio e concentração inerente às sessões de gravação.

Paralelamente a essas atividades com gravação desenvolvemos outras que contribuíram para ampliar as experiências musicais das crianças e diversificar os encontros, como: atividades com percussão corporal; de improvisação, com uso da escala pentatônica maior nos xilofones e metalofones; execução de ostinatos nesses instrumentos; e atividades com flauta doce. As atividades com a sonorização de imagens e composição e execução de instrumentos melódicos culminaram para o desenvolvimento do projeto final que foi apresentado em recital no fim do semestre.

A escolha por iniciar com imagens estáticas se deu por acreditarmos que ofereceriam maior abertura para criar e explorar os instrumentos e objetos sonoros, uma vez que o toque da criança não seria delimitado pelo tempo nem pela dinâmica do movimento de um vídeo. Portanto, especialmente por se tratar do primeiro contato com esse tipo de incursão sonora, preferimos começar com figuras, deixando os vídeos para quando as crianças já estivessem mais familiarizadas com os instrumentos e com a prática musical, entrosadas entre si e mais desinibidas.

³ As gravações foram realizadas com um microfone dinâmico ligado a um notebook por intermédio de uma placa de áudio digital portátil. O *software* utilizado nas gravações e nas edições foi o *Studio One*.

Nos últimos encontros a turma compôs uma trilha sonora e sonorizou um vídeo curto de animação já existente, escolhido pelos professores. Tal processo envolveu gravação e manipulação de sons, produção de áudio, composição e sonoplastia. Como iríamos apresentar o resultado em um recital em que as outras turmas da Oficina estariam tocando e cantando, optamos por uma apresentação envolvendo uma *performance* que complementasse as gravações de áudio e o vídeo. Essa atividade permitiu abordar diversas linguagens e processos para criar uma apresentação multimídia. A trilha sonora foi composta e gravada em conjunto com as crianças, e a sonoplastia foi ensaiada para ser executada em tempo real no momento da apresentação do vídeo, garantindo o elemento performático do projeto.

A animação escolhida foi “Ormie”⁴, um curta-metragem cômico, disponível na internet, que mostra um porquinho atrapalhado tentando alcançar um pote de biscoitos em cima de uma geladeira. Cada cena consiste em uma tentativa maluca e frustrada da personagem para alcançar o pote. O vídeo foi escolhido por ser engraçado e atrativo, possuir um andamento adequado para executar a sonoplastia e apresentar várias possibilidades sonoras a serem exploradas. A estrutura narrativa da animação permitiu que o vídeo fosse editado, diminuindo sua duração sem prejudicar a história, para adequar o número de eventos sonoros às possibilidades da turma, considerando o número de crianças e o tempo para ensaio.

O projeto do vídeo intitulado “O Porquinho da Oficina” foi desenvolvido em três aulas. Na primeira aula mostramos a animação “Ormie” para as crianças sem o áudio original, para evitar sugestões e não estabelecer uma base de comparação entre a *performance* e o áudio original que pudesse ser limitadora, especialmente em relação à trilha sonora. As crianças gostaram muito do vídeo e se envolveram com a proposta. Em primeira instância nossa mediação era mais presente: anotamos o que elas estavam produzindo e criamos um roteiro com as crianças, enumerando os eventos sonoros e discutindo em conjunto como poderiam ser realizados, para depois as crianças improvisarem a sonorização.

Porém, à medida que repassávamos o vídeo, as crianças começaram a tomar iniciativas e assumir a responsabilidade pela criação e execução dos sons. Elas vasculharam a sala atrás de timbres adequados e debateram entre si sobre a melhor forma de tocá-los. Nós, professores, demos algumas sugestões, principalmente em relação à duração e à intensidade

⁴ No YouTube, busque por “Ormie the pig – animation”.

dos sons, mas a partir de então nosso papel limitou-se a apenas operar o vídeo e iniciar os ensaios.

Na segunda aula terminamos de desenvolver e gravar a trilha sonora do vídeo. Planejamos mediar a composição da trilha a partir de duas frases melódicas na escala pentatônica que as crianças já haviam explorado nos xilofones e metalofones em uma aula anterior. A partir daquele material melódico as crianças poderiam improvisar; justapor e sobrepor as frases de maneira a compor uma peça com estrutura formal, motivo e variações e criar acompanhamento com os instrumentos de percussão.

A elaboração das sequências, repetições, sobreposições (gerando harmonias), dinâmicas e variações de timbre entre xilofones e metalofones criaram uma experiência representativa do processo de composição de acordo com o que propõe França (2002). Uma aluna inclusive trouxe as letras “a” e “b” para designar os temas e partes da música; aproveitamos sua intervenção e compartilhamos essa prática com a turma.

As crianças improvisaram um “coral de porquinhos” e gravaram, sobrepondo, na gravação instrumental, a melodia “a” cantando-a como o grunhido de um porco. Ao som dos xilofones e metalofones foram somados o som de um carrilhão, um ganzá e um tambor, que também foram escolhidos e gravados pelas crianças. As gravações foram editadas e mixadas pelos professores; o material musical foi inserido de diversas maneiras no decorrer do vídeo.

A terceira aula foi no dia da apresentação, apenas algumas horas antes do recital e consistiu num ensaio geral da apresentação. As crianças acrescentaram novos sons com base em sugestões nossas; e realocaram os instrumentos dos colegas que faltaram. A apresentação foi feita com entusiasmo pelos alunos. Foi uma *performance* rica, pois ao mesmo tempo que a plateia se surpreendia com as trapalhadas do porquinho no vídeo projetado, as crianças, cercadas de uma grande variedade de instrumentos, se empenharam para conseguir executar os sons da sonorização em tempo real e nos momentos certos. A trilha sonora tocada em *playback* serviu também para expor outros aspectos do trabalho da turma ao longo do semestre: a produção musical e a gravação.

Considerações finais

Com base na tendência do ensino musical por meio das novas mídias observada em Ruthmann (2013) procuramos desenvolver as práticas musicais que exploraram recursos

tecnológicos e experiências com produção de peças musicais e multimídias. Todos os registros gravados em aula foram submetidos à análise crítica da turma e, enquanto ensaiavam a apresentação, as crianças apreciavam e avaliavam o resultado sonoro. Como observado por Lorenzi (2008), a apreciação de gravações contribui para os alunos desenvolverem diferente percepção sobre suas composições, ampliando a compreensão sobre o que realizaram.

Na atividade com a partitura gráfica a montagem dos painéis com as imagens tornou visíveis os processos composicionais de organização e distribuição de ideias sonoras. Na criação da trilha sonora, outros elementos da composição foram trabalhados, como a criação de diferentes texturas e dinâmicas, além da forma e da estrutura. Os resultados obtidos com a atividade de sonoplastia coincidem com as afirmações de Burnard e Boyack (2013), já que motivaram o envolvimento e a participação criativa. Após essa atividade, sabíamos que o desenvolvimento de um processo semelhante com o vídeo seria bem recebido.

Os ensaios da sonoplastia do vídeo geraram *performances* que se foram aprimorando no decorrer do tempo, o engajamento das crianças foi notável e o nível de exigência delas com relação à sua atuação e à dos colegas foi elevado, gerando uma experiência musical rica, com interação, experimentação e precisão na execução. A utilização de imagens e vídeos foi muito eficaz para desenvolver experiências musicais, especialmente com o uso da animação.

Posteriormente podemos propor novas composições, agregando material melódico composto pelas crianças. Pretendemos dar continuidade a esse planejamento introduzindo o uso de celulares como gravadores portáteis e a edição, ao menos coletiva, no computador presente na sala de aula, para que as crianças tenham experiência com a manipulação e edição dos sons que captarem. Poderemos possibilitar, assim, maior proximidade com essas atividades, que permitem a criação e articulam as modalidades de prática musical: executar, compor e apreciar.

Trabalhar com imagens e vídeo com música foi algo novo, que deixou as crianças deslumbradas. O fato de elas saberem que seriam gravadas fez com que se preocupassem com o que iriam tocar, facilitando a concentração e o foco nas atividades. Mesmo assim, isso não tirou a liberdade de criação: elas se sentiram motivadas e ajudavam umas as outras, conversando sobre que instrumentos tocar, como e em que momento tocar.

Referências

- BEINEKE, Viviane. A composição no ensino de música: perspectivas de pesquisa e tendências atuais. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, V.20, 19-32, set. 2008.
- BEINEKE, Viviane. Oficinas de Música para Crianças. In: *III Encontro de Pesquisa e Extensão do MUSE*, 28 e 29 de maio e 10 de junho de 2013, Florianópolis. **Banner...** Florianópolis: UDESC, 2013.
- BURNARD, Pamela; BOYACK, Jenny. Engaging interactively with children`s group improvisations. In: BURNARD, Pamela; MURPHY, Regina. *Teaching Music Creatively*. London: Routledge, 2013. p. 25-36.
- FRANÇA, Cecília Cavaliere; SWANWICK, Keith. Composição, apreciação e performance na educação musical: teoria, pesquisa e prática. *Em Pauta*, v. 13, n. 21, p. 5-41, 2002.
- GALIZA, Fernando Stanzione. Educação musical nas escolas de ensino fundamental e médio: considerando as vivências musicais dos alunos e as tecnologias digitais. *Revista da ABEM*, Porto Alegre V.21, 76-83, mar. 2009.
- RUTHMANN, Alex. Exploring new media musically and creatively. In: BURNARD, Pamela; MURPHY, Regina. *Teaching Music Creatively*. London: Routledge, 2013. p. 85-97
- SWANWICK, Keith. *Ensinando música musicalmente*. Tradução de Alda Oliveira e Cristina Tourinho. São Paulo: Moderna, 2003.